

herdeiros de Virgílio — justamente considerado o pai da cultura ocidental — e da sua obra, em particular da *Eneida*.

É importante, por isso, lê-la ou revisita-la de novo, voltando ao prazer de a reler, agora na nova tradução classicamente fiel, em verso, de Carlos Ascenso André.

Frederico Lourenço (ed.), *Latim do Zero a Vergílio em 50 Lições*. Lisboa: Quetzal Editores, 2020, 925 pp.; ISBN: 978-989-722-702-8.

EMÍLIA M. ROCHA DE OLIVEIRA² (*Centro de Línguas, Literaturas e Culturas (CLLC-UA),
Universidade de Aveiro — Portugal*)

O projeto *Latim do Zero a Vergílio em 50 Lições* teve origem, conforme pode ler-se no Prefácio (p. 13), numa página da internet criada por Frederico Lourenço em março último, como forma de o docente manter motivada a sua turma de Poesia Latina quando as aulas em regime presencial na Universidade de Coimbra foram substituídas pelo ensino a distância. A página do Facebook *Vergílio em Coimbra*, através da qual o Autor esperava aprofundar com os seus 21 alunos o estudo do poeta latino, depressa atraiu numerosos seguidores, em Portugal e no Brasil, que não apenas queriam conhecer Vergílio e a sua poesia como manifestavam vontade de aprender latim.

Num instante, o projeto deu lugar a nova página do Facebook, *Latim do Zero para a aprendizagem do Latim*, que em poucos dias alcançaria milhares de seguidores, ávidos de aprender a língua latina. Na introdução, o classicista desafiava os visitantes da página: “E que tal aproveitarem esta fase de recolhimento para aprender Latim? Vou postar todos os dias uma lição de Latim, começando do zero. O saber não ocupa lugar; e o latim é (acreditem) a língua mais bela e expressiva que se possa imaginar. Aceitem o meu desafio e embarquem nesta aventura!”

Meses depois, o projeto converteu-se em livro. O objetivo da publicação era claro para o A., “proporcionar um ensino mais sistemático e mais aprofundado: começando do zero, vão sendo construídas as bases gra-

DOI 10.34624/agora.v0i23.24478.

² emilia.oliveira@ua.pt.

maticais necessárias à leitura do maior autor da língua latina, Vergílio”, escreveu então na sua página.

O manual é composto por três partes. Na primeira (“I. Lições”, pp. 19-292), Frederico Lourenço propõe 50 lições que, “passo a passo, visam dar as bases gramaticais necessárias para ler, na língua original, a *Eneida* de Vergílio”, seguindo “a metodologia de ensinar como funciona a língua latina a partir de pequenos textos de muitas épocas e proveniências, com destaque inicial para a Vulgata, talvez o melhor instrumento didático para mostrar, a quem se inicia no estudo do latim, a essência da sua beleza.” (p. 14)

Logo na primeira lição, o A., que iniciou o seu percurso profissional como professor de Latim no ensino secundário, traça as linhas mestras do seu programa. Começa por confessar que, embora se solidarize com “o método oral de ensinar latim como língua viva”, prefere “ensinar latim usando frases e textos da Antiguidade.” Paralelamente, acrescenta, usará “o método tradicional britânico, por meio do qual grandes classicistas como James Diggle ou Michael Reeve aprenderam grego e latim” e que consiste “em compartimentar, numa fase inicial, todos os temas gramaticais, apresentando-os por meio de frases. A estas frases, juntam-se depois pequenos textos. A terceira fase consiste na leitura de textos autênticos, escritos da Antiguidade”. Esclarece, depois, que fará, neste livro, “uma conciliação das três fases, usando, para tal, em muitas das primeiras lições, um livro que, noutras circunstâncias, nem sempre serviu os propósitos da conciliação: a Vulgata latina.” (p. 21) Além deste instrumento pedagógico, usará também “muitos textos clássicos, em verso e em prosa.” (p. 22) Deixa, por fim, uma advertência aos seus leitores/alunos: para “seguirem a matéria apresentada”, precisarão apenas de ter à mão a *Nova Gramática do Latim*, publicada em Lisboa, sob a chancela da Quetzal, em 2019. Com efeito, ao longo das 50 lições propostas, o docente remete os aprendentes para a leitura das páginas da NGL que considera reforçarem e/ou complementarem os conteúdos gramaticais abordados.

À explicitação de questões linguísticas, aduz-se a exploração de temas de cultura e literatura latinas. Veja-se, como exemplo, o que acontece na Lição n.º 5. Antes de proceder à análise morfossintática de uma frase tirada das *Metamorfoses* de Ovídio (1.556), Frederico Lourenço decide contextualizá-la, introduzindo o mito de Apolo e Dafne: “O contexto é este. Apolo perseguiu Dafne,

mas, antes que o deus conseguisse apanhá-la, ela foi transformada em árvore: no loureiro, cujo nome em grego é, justamente, *daphnē* (δάφνη). Frustrado por não conseguir beijar a ninfa, Apolo dá em vez disso beijos à árvore — ou, como diz Ovídio, ‘Dá beijos à madeira’. Em latim: *oscula dat ligno*. Ora, a forma *ligno* está em dativo; tem aqui a função de complemento indireto.” (p. 51)

Nesta parte, salientamos ainda a inclusão de um *quiz*, que preenche a Lição n.º 39 (pp. 227-230). Sendo a avaliação um processo regulador do ensino e da aprendizagem, a proposta de resolução de um “teste” é, a nosso ver, uma estratégia bastante oportuna, na medida em que não apenas permite aos alunos, num momento crucial da aprendizagem, aferirem os conhecimentos adquiridos sobre morfologia e sintaxe latinas, como os estimula a melhorarem o seu desempenho. Para suprimir quaisquer dúvidas surgidas durante a sua resolução, os aprendentes podem encontrar, na p. 522, as respostas às “20 perguntas de latim” (p. 227).

Na segunda parte do livro (“II. Vergílio”, pp. 293-414), o A. apresenta o texto integral dos Cantos 1 e 4 da *Eneida*, possibilitando, desse modo, ao utilizador “a concretização prática” daquilo que foi aprendendo nas 50 lições que integram a parte anterior. Ciente de que objetivo da maioria dos aprendentes de latim é “conseguir ler em latim”, Frederico Loureço procura “desmontar o medo da leitura de um texto poético exigente”, optando por apresentá-lo “com suficientes notas gramaticais e com uma tradução interlinear cuja finalidade”, adverte, “não é literária, mas sim didáctica: a tradução interlinear está pensada para permitir, relativamente ao texto latino, o entendimento automático do seu léxico; a decifração imediata da sua morfologia; e a dedução lógica da sua estrutura sintáctica.”

Na “Introdução à leitura da *Eneida*” (pp. 295-306), o docente fornece uma série de orientações preciosas para os seus alunos: “se já leram com proveito as 50 lições, foquem a vossa atenção em pequenos blocos do texto latino dos dois cantos propostos: tentem ler devagar trechos de mais ou menos cinco a dez versos em latim, sem dar inicialmente muita atenção à tradução interlinear”; depois, acrescenta, “voltem atrás e esclareçam as vossas dúvidas com a ajuda da tradução”, que “está pensada para que possam resolver, por indução lógica, todos os problemas de léxico, de morfologia e de sintaxe”; por fim, “esclarecidas, com a ajuda da tradução, as dúvidas suscitadas pela primeira leitura da

passagem em latim, voltem a lê-la na língua original, saboreando agora a plasticidade expressiva das frases e sonoridade musical do verso” (pp. 295-296). Para explicações suplementares do texto, os alunos deverão, ainda, recorrer às notas gramaticais que acompanham o texto. Na sequência de todas estas indicações, o professor procede a uma breve, mas muito profícua contextualização dos cantos da *Eneida* apresentados, expondo os movimentos narrativos a que obedece o poema (“1. Em síntese”, pp. 296-299), para, depois (“2. Vergílio”, pp. 299-306), traçar o retrato do poeta, cujo conhecimento se revela fundamental para uma melhor compreensão da obra.

Com um nível de exigência superior, propõe o A., na última parte do volume (“III. Horácio”, pp. 415-521), a leitura integral do Livro 1 das *Odes* de Horácio, que faz acompanhar de abundantes notas explicativas. Antes, porém, apresenta o enquadramento histórico do autor e chama a atenção para os temas plasmados na obra – “Introdução à leitura do Livro 1 das *Odes* de Horácio” (pp. 417-421). Quanto à organização do texto horaciano, Frederico Lourenço opta pela tradicional disposição bilingue, “com o texto latino na página par e a tradução portuguesa na página ímpar. Pretende-se que a tradução de Horácio proporcione “o acesso directo à estrutura gramatical das frases latinas.” (p. 14) Como estratégia de abordagem do texto, sugere aos leitores que ocultem, “com uma folha de papel, o texto português de Horácio que está na página ímpar” e façam a respetiva consulta apenas no caso de se terem deparado “com uma dúvida irresolúvel.” (p. 15)

A completar o volume, encontramos, imediatamente antes das Lições, uma útil lista de “Sinais e abreviaturas” (pp. 17-18) e, no final, um não menos importante “Índice temático”.

Em conclusão, resta-nos enaltecer e sublinhar a originalidade do projeto, a clareza e coloquialidade do discurso e o rigor científico colocado, uma vez mais, na exposição de conteúdos gramaticais, literários e culturais. Com a publicação de *Latim do Zero*, Frederico Lourenço não apenas reitera o seu profundo amor pela língua de Vergílio, como dá cumprimento ao objetivo maior que se propôs (p. 15): levar “leitoras e leitores de língua portuguesa a sentir o prazer inigualável de ler, em latim, o melhor que existe na poesia latina”.